

DANGALERIA

Bob Nugent: o artista e a força da natureza

A obra de Bob Nugent, nas múltiplas formas e mistérios da natureza que ele retrata, é um convite ao desfrute do belo e à constatação de que a magnitude desse presente é finita e requer nossa cumplicidade para seguir existindo.

Cada forma cria a latitude de sua existência e algumas vezes provoca mensagens inesperadas. Certas experiências vividas fora do ambiente em que vivemos provocam significativas mudanças no modo que vemos e representamos o mundo.

Bob Nugent, artista norte-americano, viveu uma experiência transformadora na Amazônia brasileira. Como aluno e professor em Santa Bárbara, na Califórnia, conviveu com uma natureza de extraordinária energia e beleza da costa do Pacífico. Antes de viajar ao Brasil, Bob viveu outra experiência importante com paisagens quando visitou Kyoto, no Japão, com outros artistas importantes, como Rauschenberg e Hockney. A cidade de Kyoto foi uma das poucas que não sofreu com os bombardeios da segunda grande guerra e permaneceu tal como era séculos atrás. Certamente, o artista percebeu a peculiaridade da tradição japonesa, o profundo relacionamento entre os espaços construídos e a paisagem, mas trata-se de uma paisagem domesticada, transformada em harmoniosos jardins.

Pois bem, tanto a paisagem da costa da Califórnia quanto a beleza da paisagem da região de Kyoto foram se adaptando às intervenções humanas, ao contrário, na região amazônica a natureza se apresenta íntegra e se impõe de modo contundente à cultura, apesar das ameaças e dos ataques da ocupação humana.

Diante do imenso bioma da floresta amazônica, Bob Nugent defrontou-se com um gigantesco ecossistema em estado bruto. A experiência desse contato provocou uma transformação radical na sua poética artística. O impacto foi de tal ordem que o artista voltaria inúmeras vezes à Amazônia.

Percebemos aflorar nos trabalhos de Bob a energia desse bioma. O cenário incorporou-se ao seu inconsciente e não permaneceu congelado no nível da retina, mas incorporou-se ao conhecimento acumulado de expressão visual. Vale dizer que o espírito da floresta adentrou no espírito do artista. Ou seja, o artista não é mais um estranho no mundo amazônico, e sua expressão, portanto, não se dá de modo afastado ou contemplativo. Sua atitude é participativa, se expressa como uma extensão do espaço representado. O olhar de intimidade, de proximidade, deu lugar a um corpo-a-corpo de impulsos, uma troca de saberes provocados tanto pelo ambiente amazônico quanto por sua poética de artista.

A densa floresta e os amplos espaços horizontais dos rios são os dois protagonistas descomuns desse imenso ecossistema, e estão presentes na obra do artista, mas Bob penetra no microcosmo desse bioma, nas flores das bromélias, nos insetos e bichos da floresta. Traduz as cores intensas da plumária das aves, e representa graficamente o trajeto errático de seus voos. Há na sua obra uma energia de vida e de movimentos, e também de pausas e de silêncios captados pelo artista no mundo amazônico. Nas suas telas, nas suas anotações e desenhos os mais variados temas são abordados, como a luminosidade inaudita do sol, as chuvas torrenciais e as noites estreladas, todas registradas em sua expressão plástica.

Bob Nugent não se limitou a captar a natureza: interpretou o homem amazônico na riqueza e diversidade do seu cotidiano. Entrou em contato com o morador ribeirinho que vive isolado ou em pequenas comunidades, com os indígenas em suas aldeias no meio da floresta.

DANGALERIA

Percebe-se na representação artística desses personagens uma relação de convívio, de companheirismo com a população amazônica.

O artista estabeleceu, ao longo dos anos um profícuo diálogo com a cultura brasileira, de tal modo que sua poética já não pode ser considerada como estrangeira, sobretudo num mudo que procura convergir experiências e vivência, e promover maior inclusão cultural.

Pietro Maria Bardi, propulsor de diálogos interculturais, compreendeu a importância da plástica de Bob Nugent e o convidou, em 1986, para realizar uma exposição individual no principal museu brasileiro, o MASP - Museu de Arte de São Paulo.

Fabio Magalhães